

Brasil METAL



INTERNACIONAL

Ano I Nº 371
09 de Junho de 2010

Índice

99ª Conferência da OIT	01
No Canadá, trabalhadores da Vale mantêm pressão	02
Honda: greve termina com vitória, na China	03
Os desafios na proteção do planeta	04
Economia brasileira cresce 9% e bate recorde histórico	05
Lula critica adoção de sanções contra Irã	06

99ª Conferência da OIT

Quintino, secretário geral da CUT, defende convenção 87 e usa greve da Vale no Canadá como exemplo

Durante a 99ª Conferência da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que se realiza entre os dias 2 e 18 de junho de 2010 em Genebra, na Suíça, o secretário geral da CUT, Quintino Severo, enfatizou a necessidade da aplicação da Convenção nº 87, que prevê o direito à liberdade sindical aos trabalhadores “sem distinção de qualquer espécie”.

Usando como exemplo o informe da Comissão de Peritos sobre o caso dos trabalhadores domésticos em províncias no Canadá, onde os mesmos são excluídos da proteção legal da liberdade sindical, Quintino lembrou que a Conferência é uma grande oportunidade, já que se discute a possibilidade de adoção de um instrumento normativo internacional para garantir os direitos dos trabalhadores domésticos.



Quintino mencionou também o caso da greve dos trabalhadores da empresa brasileira Vale do Rio Doce nas províncias de Newfoundland, Ontario e Manitoba. “Em 2009, a negociação do acordo coletivo entre o United Steelworkers e a Vale do Rio Doce pautou-se no rebaixamento dos direitos trabalhistas, sob o argumento da Vale do Rio Doce de que a crise financeira que afetava e ainda afeta o mundo, prejudicava a empresa. Importante mencionar que nenhum documento foi apresentado para os trabalhadores que comprovassem tais dificuldades”, ressalta o dirigente CUTista.

Assim que a greve teve início, a Vale do Rio Doce contratou a empresa de segurança “AFI”, que passou a intimidar e assediar os trabalhadores sindicalizados da Local 6500 da United Steelworkers. Além disso, procurou limitar o direito do sindicato de estabelecer e manter piquetes em frente dos locais de trabalho. Judicialmente, a Vale do Rio Doce optou por processar o sindicato e suas lideranças, requerendo indenizações milionárias como forma de intimidar financeiramente o sindicato, além de iniciar a contratação de trabalhadores substitutos, ou seja, fura-greves, para operar durante o movimento grevista e que vários trabalhadores grevistas forma dispensados.

(...) Da mesma forma que a Vale do Rio Doce viola reiteradamente a Convenção nº 87, a Votorantim Cimentos, outra empresa brasileira que atua no Canadá, pratica inúmeros atos antissindicais. “Cabe destacar aqui que, caso essas empresas tenham sucesso em negar o direito à sindicalização, outras se sentirão encorajadas para fazer o mesmo”, disse Quintino.

“Os fatos mencionados afligem os trabalhadores brasileiros pois, além de violar de forma preocupante os direitos dos trabalhadores canadenses, tais desrespeitos são praticados por uma empresa brasileira”, finaliza Quintino. (CUT, 10.06.2010)

No Canadá, trabalhadores da Vale mantêm pressão

Há quase onze meses em greve, os mais de três mil trabalhadores mineiros da Vale Inco, em Sudbury Ontario, no Canadá, continuam sem garantias de que suas demandas serão atendidas.

No final do mês de maio, uma jornada de cinco dias de protestos demonstrou que os trabalhadores continuam dispostos a lutar e a negociar com a multinacional.



"Um dia a mais, um dia mais fortes!". É esta a frase que motiva os trabalhadores a permanecerem firmes na luta por seus direitos, que vêm sendo negados pela Vale.. Desde julho de 2009, os trabalhadores reivindicam pontos importantes como pensões, gratificações, renovação de contrato, direitos de antiguidade e do recurso à subcontratação. Também exigem a reincorporação em suas funções de nove ativistas sindicais que foram demitidos indevidamente. No entanto, desde o início da paralisação todas as propostas lançadas pela Vale foram de encontro às reais necessidades dos trabalhadores.

Em consequência dessa postura inflexível, em um plebiscito realizado para decidir sobre a continuidade da greve, cerca de 90% dos trabalhadores mineiros se posicionam a favor da manutenção, até que a Vale possa se comprometer com os direitos trabalhistas e com o respeito ao sindicato dos trabalhadores mineiros. Mediante esta situação, há grande possibilidade de que a greve complete um ano.

Segundo informações de **Carolyn Kazdin**, representante do sindicato norte-americano **United Steelworkers (USW)** no Brasil, a partir de hoje tem início uma rodada de negociações entre trabalhadores e empresa junto a um mediador. Carolyn e os trabalhadores esperam outra postura da Vale, que nos últimos meses não esteve "negociando de boa fé".

"A agência provincial onde os cidadãos fazem suas reclamações trabalhistas solicitou que as duas partes voltassem a discutir as demandas dos trabalhadores e as propostas da Vale com o auxílio de um mediador. A esperança é a última que morre. Sendo assim, esperamos até segunda-feira, quando terminam as negociações, para ver se vamos avançar ou se permanecemos onde estamos", esclareceu.

Desde outubro de 2009, a mineradora de níquel funciona com trabalhadores substitutos e não-sindicalizados. Esta paralisação, juntamente com outra que acontece em Port Colborne, também uma mina canadense de níquel da Vale, já fez com que fosse reduzido em 10% a oferta global de níquel. Devido aos estoques que mantinha, a multinacional não sofreu grandes perdas e não houve queda de preço do produto.

Os trabalhadores canadenses acreditam que a postura da Vale e as ofertas lançadas até o momento são pensadas e calculadas com a finalidade básica de enfraquecer o sindicato e transformar o modo de trabalho da mina de Sudbury.

"Situações como esta greve são de fundamental importância para o futuro. Seja de onde for o capital, seja de onde for a empresa, quando ela chega em outros países, tem que respeitar a cultura dos locais onde opera. A Vale fez justamente o contrário. Após comprar, em 2006, a mineradora canadense, ela tentou mudar a cultura e o modo de trabalhar", finalizou a representante do sindicato. *(Natasha Pitts) (Adital, 04.06.2010)*

Negociação: A Vale, obedecendo à ordem do Ontario Labour Relations Board de voltar para a mesa de negociações, reiniciou as conversas com o USW desde o dia 04 de junho. O mediador independente Kevin Burkett, que coordena as negociações, anunciou ontem o adiamento das conversas para 19 de junho. Segundo Burkett, houve avanços nas questões.

Honda: greve termina com vitória, na China

Paralisação durou três semanas e obteve 24% de aumento salarial, apesar de enfrentar os patrões e também o sindicato oficial, atrelado ao PCC.

Trabalhadores obtiveram um aumento de 24% nos salários. Foto de Ian Muttoo, Flickr
Acabou na sexta-feira a greve dos 1.900 trabalhadores da fábrica de transmissões de automóveis da Honda na cidade de Foshan, no sudeste da China. Até esse dia, a greve, que durou três semanas, continuava parcial, com o sector mais radicalizado a negar-se a voltar ao trabalho. E mesmo o sector que havia voltado antes continuava a negociar outras reivindicações e afirmava que voltariam à greve caso estas não fossem atendidas. No geral, obtiveram um aumento de 24% nos salários. Além disso, parecem ter conquistado parte das demais reivindicações, mas a Honda não fez nenhum comunicado oficial sobre as últimas negociações e não há como contactar os trabalhadores para saber o verdadeiro resultado.

A greve fez com que durante alguns dias as demais fábricas da Honda na China ficassem paradas por falta das peças produzidas nessa unidade.

Para conseguir a vitória, os trabalhadores tiveram de enfrentar o patronato e também o sindicato oficial, atrelado ao Partido Comunista, cujos membros, na semana passada, chegaram a agredir os grevistas para que voltassem ao trabalho.

E, como nenhuma greve ocorre sem um mínimo de organização, eles tiveram de, à sua maneira, se organizar de forma independente para conseguir a vitória. É exactamente esse ponto, a organização independente, que foi a principal característica e que dá importância especial a esta greve. A luta da maior população de trabalhadores do planeta, que é a da China, necessita de uma forma independente de organização e isso foi mais do que demonstrado durante estas três semanas de luta.

Além de conseguir uma vitória para os trabalhadores da empresa, a greve tem também obrigado as empresas que exploram a mão-de-obra chinesa a rever a sua forma de pagamento, extrapolando assim a luta isolada. (...) *(Por Tomi Mori, de Tóquio)* *(Esquerda.net, 07.06.2010)*

Na Índia, acaba greve na Hyundai

Os trabalhadores metalúrgicos na planta da Hyundai Motors em Chennai, na Índia, estavam em greve desde o último domingo (6) chegaram a um acordo com a direção da empresa, levando ao fim das manifestações que ocorriam desde então. Com a produção interrompida, cerca de 170 trabalhadores foram presos na terça-feira, após o governo local considerar a greve ilegal.

Os protestos, que ocorreram pela terceira vez no ano aconteceram porque os trabalhadores no maior exportador de automóveis da Índia pediam mais uma vez a reintegração de alguns funcionários demitidos.

Acordo

Depois de conversações entre a Hyundai e representantes dos sindicatos na presença do Ministro do Trabalho indiano T.M. Anbarasan nesta quarta-feira, a greve chegou ao fim.

De acordo com o Memorando de Entendimento assinado entre a empresa e os sindicalistas que representam os trabalhadores que estavam em greve, a Hyundai aceitou a revisão dos 35 casos de funcionários demitidos por motivos humanitários, disse Rajiv Mitra, chefe de comunicações corporativas da montadora.

Comitê de Revisão

A revisão será conduzida por um comitê composto por funcionários da montadora, funcionários governamentais e representantes dos trabalhadores. A Hyundai considerou também a confirmação de 20 funcionários demitidos por conta dos atos que foram reintegrados, disse o comunicado. *(Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT, com informações de Agências Internacionais)*

Os desafios do movimento sindical na proteção do planeta

A secretária Nacional do Meio Ambiente da CUT diz que o movimento sindical deve pensar a proteção ambiental a partir da inclusão dos trabalhadores e trabalhadoras



Confia abaixo a entrevista com Carmen Foro

Para a CUT, o que está no centro do debate ambiental?

A classe trabalhadora. Em qualquer lugar do mundo ela é o centro do debate sobre meio ambiente, até porque os trabalhadores/as estão presentes nos variados processos de produção do trabalho e são eles e elas quem mais diretamente sofrem as consequências, se uma sociedade não prioriza a sustentabilidade.

Como priorizar a sustentabilidade quando entra em jogo a geração de empregos?

Tanto a sustentabilidade ambiental quanto a geração de empregos interferem diretamente na vida da classe trabalhadora, são dois temas da maior importância e é para que andem sempre juntos que nós da CUT lutamos. Quando se tem planejamento, vontade política e um movimento sindical e social presente, que faz a diferença, quer seja na proposição de alternativas, no monitoramento das ações, intervindo nas tomadas de decisões ou ainda articulando mobilizações há, sim, toda a possibilidade de sustentabilidade e geração de empregos caminharem juntas. (...)

Quais os grandes desafios da agenda ambiental da CUT?

São muitos, além dos já mencionados iniciam-se as discussões sobre a "Rio 20", Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável, estratégico momento de discussão da questão ambiental 20 anos após a Eco 92, sediada no Brasil. Uma oportunidade de avaliar os rumos mundiais no tema ambiental e de propor novos paradigmas para os países. A Agenda 21, um dos principais resultados dessa Conferência requer uma maior articulação para sua implementação, assim como os objetivos do milênio que estão aquém nos temas ambientais e de gênero. O Brasil politicamente terá um papel fundamental na articulação e formulação de propostas, assumindo uma liderança ainda maior que há 20 anos. A CUT participou ativamente da Eco 92, como ficou conhecida a Conferência e está presente desde os primeiros momentos de organização da Rio 20.

Outro tema de igual importância são os empregos verdes. A necessidade da ampliação massiva de postos de trabalho decente, a consciência para a redução no consumo de carbono, o que representará uma imensa diminuição nos impactos, principalmente sobre os mais atingidos, jovens, mulheres e os mais pobres. Essa discussão se alinha ao modelo de desenvolvimento que queremos construir, na promoção de um círculo virtuoso e eficiente.

Finalizo dizendo que tramita no Congresso Nacional um conjunto de questões focadas no tema ambiental e da agricultura familiar, tais como o código florestal, os 20 pontos acordados entre as entidades do campo e o governo, o reconhecimento e valorização da agricultura familiar, elementos que compõem uma disputa com o agronegócio. Nós produzimos alimentos de forma variada e focada no consumo interno e os produzimos com responsabilidade, minimizando prejuízos ao meio ambiente e isso nos diferencia da produção agroexportadora promovida pela bancada ruralista que concentra, destrói e visa exclusivamente seus lucros. Nossa produção é sustentável, temos consciência da importância de produzir alimentos com o mínimo risco químico e ambiental. Nós da CUT não somos representados por essa produção que é incompatível com o modelo de desenvolvimento que queremos e construímos cotidianamente, porque acreditamos na garra e no poder de transformação da classe trabalhadora. (CUT, 07.06.2010)

[Leia a íntegra da entrevista na página da CNM](#)

Economia brasileira cresce 9% e bate recorde histórico

A economia brasileira cresceu 9% no primeiro trimestre deste ano em comparação a igual período de 2009, a maior alta da série histórica nesse tipo de comparação desde 1996. Os dados divulgados nesta terça-feira (8) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são das Contas Nacionais Trimestrais.

A indústria cresceu 14,6%, seguida pelo setor de serviços, com 5,9% e a agropecuária, 5,1%. A formação bruta de capital (investimentos em máquinas e equipamentos) aumentou 26%, a construção civil aumentou 14,9% e importações de bens e serviços, 39.5%.

Na comparação com o quarto trimestre de 2009, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) - a soma de bens e serviços produzidos no país - até março foi de 2,7%, o mais alto para o período desde 2004. A indústria foi o setor que apresentou o maior avanço, com alta de 4.2%.

O setor agropecuário teve expansão de 2,7% e o de serviços, de 1,9%. *(PT, 08.06.2010)*



Mercosul quer acordo automotivo com União Europeia

O Mercosul pretende negociar um "acordo à parte" com a União Europeia para o setor automotivo, que inclua compromissos de transferência de tecnologia e incentivo à produção local de automóveis. As negociações entre os dois blocos para um acordo de livre comércio foram retomadas oficialmente no dia 17 de maio e a primeira reunião será realizada no fim de junho em Buenos Aires, conforme informou o subsecretário de Integração Econômica da Argentina, Eduardo Sigal. "Decidimos ter como elemento de negociação os setores automobilístico e autopeças, mas não simplesmente entregando-os aos europeus", completou o diretor-geral de Mercosul do Ministério das Relações Exteriores da Argentina, Pablo Grinspun.

Uma melhor oferta no setor automotivo é uma exigência da Europa. Ainda na fase anterior à retomada oficial das negociações, o Mercosul indicou que poderia eliminar as tarifas em 15 anos. A proposta anterior previa redução de 20% a 50% da tarifa de importação, mas sem zerar a taxa. Segundo o diretor do Departamento de Negociações Internacionais do Itamaraty, Evandro Didonet, a proposta vai ser discutida com o setor privado, mas o objetivo do Mercosul é incentivar a produção de carros e autopeças localmente.

Ele confirmou que a negociação automotiva será "um pacote separado", mas reforçou que não será finalizada antes dos demais setores. As regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) impedem acordos setoriais com países ricos. As montadoras são favoráveis a um acordo com a UE, porque muitas estão sediadas no Velho Continente. Segundo uma fonte do setor, no entanto, os governos brasileiro e argentino ainda não mencionaram contrapartida de investimento.

Os fabricantes de autopeças instalados no Brasil estão receosos com a retomada das negociações e enviaram uma carta ao governo. No ano passado, o Brasil teve um saldo negativo de US\$ 2,26 bilhões com a Europa em autopeças, equivalente a 90% do déficit total do setor. *(Agência Estado, 09.06.2010)*

Lula critica adoção de sanções contra Irã

.... e alerta que Conselho está obsoleto

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou nesta quarta-feira a decisão do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas de impor uma nova rodada de sanções ao Irã. Lula cobrou uma mudança na composição do conselho e disse que a medida foi "um equívoco".

– Lamentavelmente, desta vez quem queria negociar era o Irã e quem não queria negociar eram aqueles que acham que a força resolve tudo. Acho que foi um equívoco a tomada de decisão – disse Lula em entrevista em Natal (RN).



Lula determinou voto contra sanções

Classificou ainda a medida de "vitória de Pirro", expressão utilizada para manifestar uma vitória potencialmente acarretadora de prejuízos. Nesta quarta-feira, o Conselho de Segurança da ONU aprovou uma quarta rodada de sanções contra o Irã por conta de seu programa nuclear, que potências do Ocidente suspeitam ter objetivo de desenvolver armas atômicas.

Foram 12 votos a favor da resolução. Brasil e Turquia votaram contra, enquanto o Líbano se absteve. Em maio, Brasil e Turquia negociaram um acordo com o Irã de troca de combustível nuclear que pretendia exatamente evitar as sanções.

– Acho que o Conselho de Segurança jogou fora uma oportunidade histórica de negociar tranquilamente o programa nuclear iraniano – completou Lula.

Ele acrescentou que a decisão foi por "birra", uma vez que o governo iraniano concordou com o acordo.

– É um episódio que enfraquece o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Nós estamos tentando reformá-lo há mais de 17 anos – afirmou Lula, para quem o organismo não representa mais a atualidade política mundial, espelhando uma correlação de forças existente em 1948, quando a ONU foi criada.

O Brasil vem buscando apoio internacional para alterar sua participação no conselho, trocando um assento temporário, como atualmente, por um papel permanente. Dos 15 membros, apenas cinco têm assento permanente (EUA, Reino Unido, França, Rússia e China) e têm direito a veto nas decisões. Sem citar diretamente esse grupo de cinco países, Lula afirmou que essas nações não estão interessadas em alterar a configuração do conselho e democratizar as relações dentro do organismo.

– A geografia política e econômica do mundo mudou e nós queremos que a ONU tenha representatividade, que tenha gente da América Latina, da África, Índia e outros países e os senhores que são donos do conselho não querem abrir mão porque não querem levar ninguém para sentar numa mesa e democratizar de verdade o Conselho de Segurança da ONU – afirmou Lula, dizendo que espera que o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad continue "tranquilo". *(Redação, com agências de notícias - de Natal) (Correio do Brasil, 09.06.2010)*